

ESTUDOS SOCIAIS DA MENTIRA NEGATIVA: UMA BREVE EXPLORAÇÃO DE ESTUDOS PSICOSSOCIAIS, SOCIOCULTURAIS E SOCIOLÓGICOS SOBRE O ENGAÑO PREMEDITADO EGOÍSTA E DANOSO

ESTUDIOS SOCIALES DE LA MENTIRA NEGATIVA: UNA BREVE EXPLORACIÓN DE LOS ESTUDIOS PSICOSOCIALES, SOCIOCULTURALES Y SOCIOLÓGICOS SOBRE EL ENGAÑO PREMEDITADO EGOÍSTA Y PREJUDICIAL

SOCIAL STUDIES OF NEGATIVE LIE: A BRIEF EXPLORATION OF PSYCHOSOCIAL, SOCIOCULTURAL, AND SOCIOLOGICAL STUDIES ON SELFISH AND HARMFUL PREMEDITATED DECEPTION



Jair ARAÚJO DE LIMA¹
e-mail: jairpopper1@gmail.com



João Leite FERREIRA NETO²
e-mail: jleite.bhe@terra.com.br



Juliane RAMALHO DOS SANTOS³
e-mail: juliane.ramalho@yahoo.com.br

Como referenciar este artigo:

ARAÚJO DE LIMA, J.; FERRERA NETO, J. L.; RAMALHO DOS SANTOS, J. Estudos sociais da mentira negativa: Uma breve exploração de estudos psicossociais, socioculturais e sociológicos sobre o engano premeditado egoísta e danoso. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 28, n. 00, e023020, 2023. e-ISSN: 1982-4718. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v28i00.17187>



| Submetido em: 09/09/2022
| Revisões requeridas em: 26/12/2022
| Aprovado em: 14/08/2023
| Publicado em: 29/12/2023

Editora: Profa. Dra. Maria Chaves Jardim
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), Belo Horizonte – MG – Brasil. Doutor em Ciências Sociais e Pós-doutor em Psicologia. Desenvolve pesquisas em sociologia da mentira, sociologia da ação, sociologia da racionalidade, subjetividade e identidade do sujeito e interação estratégica.

² Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), Belo Horizonte – MG – Brasil. Professor bolsista de produtividade do CNPq. Desenvolve pesquisa no campo da saúde pública, políticas públicas e formação em Psicologia.

³ Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), Belo Horizonte – MG – Brasil. Graduada em Medicina pela UNIFESO-RJ. Especialista em psiquiatria pela IPEMED de Ciências Médicas-MG. Desenvolve pesquisas sobre transtornos psíquicos e adoecimento psiquiátrico, psiquiatria da mentira e sociopatía.

RESUMO: O artigo consiste em uma breve exploração de estudos psicossociais, socioculturais e sociológicos sobre o engano premeditado egoísta e danoso. São apresentados autores e obras que dão uma contribuição aos estudos sociais/sociológicos da mentira, desde o nascimento da sociologia até o momento contemporâneo. Embora a lista de autores e obras aqui mencionados seja brevíssima, ela é significativa ao abordar aqueles autores e obras que deram o uma importante contribuição ao estudo psicossociológico da mentira, tanto no período clássico do nascimento da sociologia e da psicologia, quanto do período contemporâneo dessas duas disciplinas.

PALAVRAS-CHAVE: Mentira. Engano premeditado egoísta. Sociologia da mentira. Estudos sociais da mentira. Psicologia social da mentira.

***RESUMEN:** El artículo consiste en una breve exploración de los estudios psicossociales, socioculturales y sociológicos sobre el engaño premeditado egoísta y perjudicial. Se presentan autores y obras que contribuyen a los estudios sociales/sociológicos de la mentira desde el nacimiento de la sociología hasta el momento contemporáneo. Aunque la lista de autores y obras que aquí se mencionan es muy corta, es significativa al abordar aquellos autores y obras que han hecho una importante contribución al estudio psicossociológico de la mentira, tanto en el periodo clásico del nacimiento de la sociología y la psicología, como en el periodo contemporáneo de estas dos disciplinas.*

***PALABRAS CLAVE:** Mentira. Engaño premeditado egoísta. Sociología de la mentira. Estudios sociales de la mentira. Psicología social de la mentira.*

***ABSTRACT:** The article consists of a brief exploration of psychosocial, sociocultural, and sociological studies on selfish and harmful premeditated deception. Authors and works that make a contribution to social/sociological studies of lying from the birth of sociology to the contemporary moment are presented. Although the list of authors and works mentioned here is very short, it is significant in addressing those authors and works that have made an important contribution to the psycho-sociological study of lying, both in the classical period of the birth of sociology and psychology, and in the contemporary period of these two disciplines.*

***KEYWORDS:** Lie. Selfish premeditated deception. Sociology of lying. Social studies of lying. Social psychology of lying.*

Introdução

O artigo consiste em uma breve exploração de estudos psicossociais, socioculturais e sociológicos sobre o engano premeditado egoísta e danoso. São apresentados autores e obras que dão uma contribuição aos estudos sociais/sociológicos da mentira, desde o nascimento da sociologia até o momento contemporâneo. Embora a lista de autores e obras aqui mencionados seja brevíssima, ela é significativa ao abordar aqueles autores e obras que deram o uma importante contribuição ao estudo psicossociológico da mentira, tanto no período clássico do nascimento da sociologia e da psicologia, quanto do período contemporâneo dessas duas disciplinas.

De imediato, o leitor deve ficar avisado de que o recorte aqui delineado privilegia os autores e obras que se debruçam sobre a mentira enquanto *engano premeditado egoísta e danoso* e, ainda, que abordam esse fenômeno do ponto de vista psicossocial ou sociocultural. A sociologia conhece a mentira no formato de *engano premeditado altruísta e benéfico*, mas esse tipo de mentira e as obras que o abordam serão deixados de lado neste artigo. De igual modo, os estudos que abordam a mentira do ponto de vista estritamente psicológico ou psicobiológico não são contemplados neste artigo.

O estilo da apresentação será pela via da exploração crítica da literatura, estilo que implica confrontar – em alguns momentos – o que os autores e obras abordam, os seus achados e afirmações com o estado atual dos estudos psicossociais, socioculturais e sociológicos da mentira. Inevitavelmente, a abordagem das obras será breve, tendo em vista o nosso objetivo principal de elencar, neste texto, os autores e obras que realizaram uma contribuição significativa ao estudo do engano premeditado.

Optamos por fazer a revisão *seletiva* da literatura sobre as *obras representativas* para o estudo da mentira em seus aspectos negativos sob o ponto de vista psicossocial, sociocultural e sociológico. Neste tipo de análise o *corpus* consiste em “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar” (BAUER; AARTS, 2002, p. 44).

Segundos Bauer e Aarts (2002), o *corpus* diz respeito, neste caso, à representatividade e:

[...] reduz as considerações sobre seleção a poucas páginas [ou obras]. [Aqui a] Seleção parece menos importante que [a] análise, mas não pode ser separada dela. A arbitrariedade é menos uma questão de conveniência e, em princípio, mais inevitável. [...] Em resumo, embora significados mais antigos de “corpo de um texto” impliquem a coleção completa de textos, de acordo

com algum tema comum, mais recentemente o sentido acentua a natureza proposital da seleção, e não apenas [uma coleção exaustiva] de textos, mas também de qualquer material com funções simbólicas. Esta seleção é, até certo ponto, inevitavelmente arbitrária: a análise compreensiva tem prioridade sobre o exame minucioso da seleção. (p. 44-45).

Estando esclarecidas as condições de seleção acima, iniciemos, então, a análise de autores e obras que contribuíram para uma abordagem sociológica ou psicossocial da mentira egoísta e danosa.

Estudos clássicos de psicologia social da mentira negativa

Gabriel Tarde e Gustave Le Bon e a psicologia das multidões

O sociólogo Gabriel Tarde (1983[1890]; 2005 [1901]) e o psicólogo social Gustave Le Bon (2002 [1911]; 2008 [1895]) foram os pioneiros estudiosos do engano premeditado/mentira sob o ponto de vista ciência sociológica. Em “*As leis da imitação*” (1890) e “*A opinião e as massas*” (1901) Tarde oferece uma pioneira contribuição à sociologia da mentira e a sua própria abordagem é utilizada por Le Bon em seus livros “*Psicologia das multidões*” (1895) e “*As opiniões e as crenças*” (1911).

As suas análises das “correntes de opinião”, da “moda”, das “opiniões passageiras” e das “crenças falsas” são muito relevantes para o estudo sociológico da mentira negativa. Eles abordaram de forma pioneira a mentira da imprensa, a manipulação da opinião pública e o “opinionismo” praticado nos artigos de “opinião”.

As obras de Tarde e Le Bon são relevantes em apontar que alguns nomes da moda no nosso tempo – tais como “*fake news*” e “*pós-verdade*” – dizem respeito a *fenômenos antigos* e que receberam outros nomes de analistas do passado, como “*factoide*” que é uma declaração questionável ou espúria apresentada como fato, mas sem autenticidade pela imprensa. Tarde e Le Bon afirmam que o advento da imprensa ocasionou a “era da ouro da mentira pública”.

Para além de tudo isso, Tarde e Le Bon são, *efetivamente*, os fundadores da *psicossociologia da mentira*, da “coisa”, embora não tenham lhe dado o nome. Assim, esses autores são muito úteis como referencial teórico inicial de uma *psicossociologia da mentira*.

Contudo, esses rivais de Durkheim realizaram apenas um voo altaneiro pelos temas que abordaram e não imergiram, em seu olhar, para a análise das formas interacionais *simples* – eles abordam as formas interacionais *complexas* como os “fenômenos de massa” e a formação de

uma “consciência *grupal*” equivocada, a idiotização do “público”, etc. —; deixando, por isso, de fora uma ampla gama de fatos de interesse micro-interacional.

Como Tarde e Le Bon disputavam com Durkheim o terreno dos estudos macro-interacionais, são óbvias as deficiências micro-interacionais das pesquisas pioneiras de Tarde e Le Bon; o que não significa que não sejam obras importantes, afinal, de tão relevantes que são, foram tomadas por Freud como referencial teórico de algumas de suas obras, notadamente de sua *teoria negativa das massas*. Percepção das massas também adotada por Serge Tchakhotine em sua “*A mistificação das massas pela propaganda política*” (1938).

Sigmund Freud e a noção de *wishful thinking*

Tarde e Le Bon foram uma influência fundamental em duas obras psicossociológicas de Freud que, também, tocam no fenômeno da mentira: “*Psicologia das massas e análise do eu*” (1921) e “*O futuro de uma ilusão*” (1927).

Na primeira, Freud – amplamente amparado em Le Bon e Tarde – realiza uma relevante análise do fenômeno da massificação, levando adiante uma perspectiva *negativa* da multidão. Fatos como a *manipulação intelectual* das massas, o uso *fraudulento* de *factoides* na imprensa e o processo de identificação com um líder *carismático*, são abordados por Freud (2013 [1921]). Ali Freud deixa evidente que *processos sociais* têm poder de determinar a cognição dos sujeitos e que o uso consciente que alguns líderes fazem de processos sociais para seduzir as massas é o que determina tanto o seu sucesso quanto a credulidade das massas.

O uso de técnicas de persuasão via retórica, o uso de “mitos” sociais e a própria transformação de um líder carismático em “mito” são *recursos sociais* mobilizados por uma facção da elite ou grupo sectário para “hipnotizar” atores sociais massificados e tornados em seguidores irracionais de líderes ignorantes, narcisistas e inconsequentes.

É por reconhecer os usos de *processos de influência social* por líderes e grupos inescrupulosos que Freud adere à teoria negativa das massas, alinhando-se a Tarde e a Le Bon e vindo a influenciar a Wilhelm Reich em seu “*A psicologia das massas do fascismo*” (1972), que completa – junto com Tchakhotine (1967 [1938]) – o elenco dos primeiros proponentes da teoria negativa das massas.

Em “*O futuro de uma ilusão*” (1927), Freud (2010 [1927]) parte dos mesmos princípios mobilizados em sua “*Psicologia das massas e análise do eu*” (1921). Além da utilização dos *processos de influência social* como fundamento da idiotização das massas, Freud faz um uso relevante da noção iluminadora de *wishful thinking*.

Conforme Bastardi, Uhlmann e Ross (2011), o termo *wishful thinking* sintetiza o fenômeno cognitivo em que um ou mais atores assumem os seus desejos como sendo a realidade e passam a tomar decisões e/ou agir com base nesta percepção. Trata-se de uma formação de crença em função do que é agradável ao *pensamento desejoso* daquele que acredita em algo *em detrimento* dos fatos e da realidade que contrariam tal crença.

Com efeito, este é o conceito que melhor explica a adesão das pessoas a *fake news*. Da parte do *receptor/consumidor* dos *simulacros noticiados*, por exemplo, consiste em aceitar aquilo que lhe agrada e que diz respeito ao seu desejo de que as coisas fossem conforme ele percebe que seria bom para ele que fossem, a despeito dos fatos concretos em relação ao assunto.

O mecanismo do *wishful thinking* atua no receptor da informação, ao passo que no produtor atua a estratégia persuasiva (“isso é mentira, mas é bom para mim que as pessoas acreditem nisso”) e, também, *pode* agir o *wishful thinking* (“seria bom se isso fosse verdade”). O sujeito movido por um *wishful thinking* seleciona tudo o que pode para apoiar e concordar com a sua crença irrealista, mas que é fideística e ativamente defendida por ele.

Para Freud (2010 [1927]), *wishful thinking* é o fundamento das atitudes dos religiosos frente aos fatos que refutam as suas crenças religiosas. Como *wishful thinking* é o ato de *tomar o desejo pela realidade*, os religiosos – segundo Freud – acreditam nas mentiras edificantes de sua religião e fecham os olhos para tudo aquilo que nega a realidade de suas crenças. Assim, o desejo é assumido e realidade é rejeitada.

A *wishful thinking* é sinônimo daquilo que, em nossos dias, é conhecido como “viés de confirmação” ou “viés de conforto” cognitivo; uma *dissonância cognitiva*, que leva as pessoas a *aderirem a e repassarem* as ideias e opiniões que lhes são agradáveis, reverberando pontos de vista cômodos aos seus valores e que implicam uma rejeição ideológica da verdade e a crença deliberadamente cega em *doxas* ou *crenças não-justificadas*. Com efeito, *wishful thinking* antecipa tanto a teoria da *dissonância cognitiva* (FESTINGER, 1975 [1957]) quanto a teoria da *cegueira deliberada* (SYDOW, 2016), ambas em crescente uso em nossos dias.

José Maria Martinez Selva e a grande mentira ou “da mentira massiva”

Como modelo de alguns estudos contemporâneos sobre a mentira, temos o texto do psicólogo social espanhol José Maria Martinez Selva (SELVA, 2009).

Selva é catedrático de psicobiología en la Universidad de Murcia, onde é professor de psicofisiologia desde 1978. O livro de Selva divide-se em nove capítulos e tem quatrocentas e

quatro páginas de *crônicas* sobre a mentira *egoísta e danosa*. Quanto ao título, uma “grande mentira” – este é um conceito importante do texto de Selva – “é aquela que afeta muitas pessoas” (p. 17) e é, também, uma mentira danosa baseada no narcisismo/egoísmo daqueles que a praticam. Por isso, Selva nos convida a compreender a mentira negativa – a corrupção, inclusive – por suas nefastas consequências sociais: “Não nos enganemos, eles prejudicam os outros” (SELVA, 2009, p. 403-404).

No livro não constam metodologia ou princípios teóricos da análise. Trata-se de uma exposição de fatos interpretados à luz de uma razoável ética naturalista e com pouca explicitação dos fundamentos psicossociais da sua análise. Isso, pelo fato de que Selva deriva os seus princípios analíticos de sua obra anterior, “*La psicología de la mentira*” (2005).

Se não conhecer os princípios analíticos de Selva e que estão presentes em sua obra anterior, o leitor ficará com a sensação de que Selva apenas apresenta uma coleção de mentiras reunidas como “material” ou “dados” sem nenhuma teoria ordenadora dos mesmos em uma abordagem que possibilitasse a sua “compreensão” ou “explicação” com base em qualquer mecanismo psicossocial. Contudo, é somente uma “impressão”, visto que este livro de Selva consiste em uma análise profunda viabilizada pela sua abordagem *psicossocial*.

Percebemos neste “*A grande mentira*” diversos indícios de que existe algum mecanismo, seja “psicológico” ou “social”, atuando na emergência da mentira egoísta e danosa no tecido social. Um exemplo, dá-se quando Selva (2009) evoca a noção de “psicopatia” (p. 403) para qualificar o “perfil” elementar do “vigarista ou trambiqueiro” (p. 12). Ou seja, é o egoísmo/narcisismo o fundamento do comportamento do enganador que causa danos a terceiros. Essa percepção, Selva já havia assumido no seu “*La psicología de la mentira*” (2005).

Alguns aspectos positivos da produção de Selva podem ser destacados. O primeiro deles é que – já em sua *La psicología de la mentira* (2005) – Selva não cede ao reducionismo presente nas abordagens da mentira sob a ótica da psicologia biológica/evolutiva e/ou da neurociência. Para Selva, a mentira deve ser explicada, sobretudo, do ponto de vista sociocultural e não somente do ponto de vista psicobiológico. O segundo aspecto positivo do texto de Selva é que, como psicólogo social, pensa a mentira menos em termos de alguma moralidade do que de acordo com uma perspectiva próxima ao *realismo consequencial* da ética social.

Um leitor atento consegue detectar princípios analíticos importantes que Selva explicita em seu texto, como quando ele apresenta a noção de que o ator é – em razão dos fundamentos sociais de sua subjetividade – plurimotivado, uma vez que “o fabricante de quimeras e ilusões [enganador] [...] age motivado pelo afã de lucro, pela vaidade ou por vários motivos ao mesmo

tempo” (SELVA, 2009, p. 11; Cf. p. 403). A gravidade de uma mentira é medida “pelas *consequências* que acarreta” (SELVA, 2009, p. 18, grifo original) e o enganador – atuando para “tirar proveito dos demais” (SELVA, 2009, p. 17) – age com base na lei do menor esforço e, assim, “o logro e a fraude o levam a conseguir mais por menos, ou a conseguir algo por nada” (SELVA, 2009, p. 20).

Selva admite que, neste trabalho, não tentou ser exaustivo, antes buscou apresentar fatos sobre a mentira negativa como “um mosaico que possui variedade suficiente para efeitos demonstrativos” (p. 13). Após apresentar-nos as suas “crônicas dos fabuladores e de suas fabulações” (SELVA, 2009, p. 391), Selva conclui afirmando que – em nossos dias – ao lermos jornais, ouvirmos notícias e nos expormos a relatos históricos, temos e forte sensação de que tudo isso se trata de uma “narração sem fim da mentira e do engano” (p. 391). Conforme Selva sinaliza, pode-se falar da “eterna e reiterada história do logro, sempre nova e sempre a mesma” (p. 392). Afinal, “mudarão os protagonistas, os lugares, os detalhes do ocorrido, mas a essência do que foi narrado aqui e do que ocorrerá [futuramente em algum lugar] será a mesma” (SELVA, 2009, p. 391).

Selva conclui que “não é um trabalho agradável cavar na miséria humana” (p. 392) e demonstrar “os perniciosos efeitos da conduta” (p. 392) dos mentirosos *egoístas*, uma vez que “é inegável que os grandes mentirosos e as grandes mentiras prejudicam muitas pessoas” (p. 398). De fato, um estudo cuidadoso da mentira negativa termina por demonstrar as nefastas “consequências e o dano provocado pela mentira” (SELVA, 2009, p. 399).

Nas últimas páginas do seu livro, Selva assume uma “ética” sobre a mentira social e, para isso, fundamenta-se no realismo consequencialista de sua análise. Assim, ele constata o papel da cultura no comportamento dos atores: “Há um efeito da cultura moral geral [i.e., circundante] no comportamento individual. O espírito geral da sociedade influencia no comportamento [...] [dos] [...] cidadãos” (SELVA, 2009, p. 400).

Após apontar a influência da cultura circundante na conduta das pessoas, Selva tece comentários sobre o papel da sociedade civil organizada para conter a mentira danosa entre os seus muros. Selva elabora algumas tarefas *obrigatórias* da sociedade civil, que são (a) “Existe a obrigação moral de lutar contra a mentira e de estender a sua denúncia a todos os âmbitos da vida social” (p. 398); (b) “É preciso desenvolver certa intolerância e certo espírito de denúncia contra a grande mentira, contra o fabulador que causa dano” (p. 400); (c) “A verdade não é gratuita e tampouco é dada, é preciso empenhar-se para conhecê-la, sem qualquer garantia de que algum dia ela será alcançada” (p. 400).

Tais princípios são importantes para Selva pelo fato de que, segundo ele, “A ausência de controle ou seu caráter frouxo e a oportunidade favorecem o comportamento fraudulento” (SELVA, 2009, p. 401).

Estudos socioculturais contemporâneos sobre a mentira negativa

Jacque Derrida e a história da mentira

Iniciamos a nossa breve exploração dos estudos socioculturais da mentira e começamos por Derrida.

Derrida (1996) *ensaia* um *brevíssimo* estudo da mentira durante conferência feita por ele no auditório do Masp em 1995. O teor deste *ensaio* é, sobretudo, a *detração* que Derrida se vê recebendo dos seus críticos, estendendo-se até a mentira social ampla que é a *política intelectual* como um todo.

Derrida realiza um verdadeiro trabalho de teorização antiquária ao resgatar textos de autores antigos/clássicos da tradição ocidental que abordaram a mentira. Tudo isso é feito por Derrida a fim de apontar que a mentira é um tema e *uma prática* fundamental nos estudos humanísticos. O objetivo principal de Derrida, contudo, é defender-se das críticas que recebera do historiador Tony Judt, professor na New York University,

Derrida realiza uma defesa de que, *ao menos nas interações sociais*, a mentira e a verdade *existem*. Ele afirma que “a mentira [...] é falso testemunho” (DERRIDA, 1996, p. 09), que “a mentira supõe [...] a invenção deliberada de uma ficção” (DERRIDA, 1996, p. 09) e que “a mentira [...] é um ato intencional, um mentir [...] [,] [...] pois não se mente senão a outro, não se pode mentir a si mesmo” (DERRIDA, 1996, p. 09).

Derrida (1996) afirma a importante compreensão, em estudos da mentira, que *a mentira é um ato intencional* e que:

Tais atos intencionais são destinados ao outro, a outro ou outros, a fim de enganá-los, de levá-los a crer (a noção de crença é aqui irredutível, mesmo que permaneça obscura) naquilo que é dito, numa situação em que o mentiroso, seja por compromisso explícito, por juramento ou promessa implícita, deu a entender que diz toda a verdade e somente a verdade. O que conta aqui, em primeiro e último lugar, é a intenção (p. 09).

Assim, entre as evidências de que a mentira e verdade existem está na situação apontada por Derrida de que, a mentira ocorre “numa situação em que o mentiroso, seja por compromisso explícito, por juramento ou promessa implícita, deu a entender que diz toda a verdade e somente

a verdade” (DERRIDA, 1996, p. 09). Algo que Ricoeur (1997) formula com bastante clareza, ao comentar que:

A epistemologia do discurso verdadeiro é, assim, subordinada à regra política, ou melhor, cosmopolítica do discurso verídico. Há, assim, uma relação circular entre a responsabilidade pessoal dos locutores que estabelecem *um compromisso por promessa* [que é a presunção da verdade], a dimensão dialógica do pacto de fidelidade em virtude do qual é preciso cumprir as promessas, e a dimensão cosmopolítica do espaço público gerado pelo pacto social tácito ou virtual (p. 398, grifo nosso).

Ricoeur, então, reconhece que existem (a) o *suposto de veracidade* das declarações na interação e, em razão de tal suposto, (b) o *compromisso tácito* do interlocutor com o suposto da verdade nas interações sociodiscursivas. Por isso, o enganador trabalha para fazer com que o seu discurso/ação *pareça* estar em harmonia com estes dois componentes fundamentais das interações sociodiscursivas: (a) o suposto da verdade das intenções e (b) o compromisso com tal suposto.

Fato pelo qual Ricoeur (1997) observa que “Toda proposta de sentido é ao mesmo tempo uma pretensão à verdade” (p, 381). A patente traição a esses dois fundamentos das interações fez com que o Derrida (1996) informasse que “O que conta aqui, em primeiro e último lugar, é a *intenção*” (p. 09, grifo nosso) de enganar.

O termo “mentira” tem origem na palavra “*mentonica*” (latim tardio do século XI) e que teria vindo do baixo latim “*mentire*” que remete ao latim clássico “*mendacium*”. Este último termo está ligado à palavra “*mens*”, a raiz etimológica de *mentira*. Ora, “*mens*” significa “mente”, “inteligência”, “discernimento”. O que faz concluir que o mentiroso tanto necessita ter discernimento do que está em jogo quando atua, quanto precisa de sagacidade ao jogar o jogo em seu próprio benefício egoístico. Para além disso tudo, há ainda um significado especial para “*mens*”, que é *intenção*. A intencionalidade é o que demarca o fato de que o enganador *sabe que mente* ao fazer uso do *pressuposto da verdade* do seu enunciado diante de sua vítima a fim de *levá-la a erro*, vindo a consumir o engano.

O texto de Derrida mereceu menção neste artigo pelo fato que suas alusões aos estudiosos da mentira e da verdade em diferentes momentos da filosofia ocidental, notadamente Santo Agostinho, Kant e Hanna Arendt. Nestes termos, esse texto é relevante como uma primeira aproximação aos estudos humanísticos da mentira.

Jacques Revel e o conhecimento inútil

O filósofo francês Jacques Revel chegou ao tema da mentira em razão de seus estudos sobre o totalitarismo. Revel explica a sua incursão ao universo da mentira como resultado da tomada de consciência de que, no mundo dos intelectuais, “a democracia se impôs como um valor teórico de referência” (REVEL, 1991, p. 09). Levado por esta tomada de consciência, Revel assume a tarefa de observar o papel da verdade e da mentira na democracia e no totalitarismo. Pelo que ele afirma perceber que “Os dirigentes totalitários dispõem da informação a título profissional tanto quanto os dirigentes democráticos, embora se obstinem [os primeiros] em privá-la de seus governados [...]” (REVEL, 1991, p. 09).

Revel faz distinção entre a falsa e a verdadeira realização do princípio democrático e formula que a falsa realização do princípio democrático está presente da “mentira das tiranias que tencionam ser exercidas em nome de uma pretensa ‘autêntica’ democracia ou na esperança de uma democracia perfeita, mas eternamente futura [...]” (REVEL, 1991, p. 09). Motivo pelo qual ele afirma que “a democracia não pode viver sem uma certa dose de verdade. Não pode sobreviver se a verdade em circulação cair abaixo de um limite mínimo” (REVEL, 1991, p. 11). Revel fala de “uma certa dose de verdade” pelo fato de que reconhecer que a *ficcionalidade* e, portanto, *uma certa dose de irrealidade* ser crucial à vida democrática. Apesar desse reconhecimento, Revel reitera que se “A democracia não pode viver sem a verdade, o totalitarismo não pode viver sem a mentira; a democracia se ‘suicida’ caso se deixe invadir pela mentira, e o totalitarismo caso de deixe invadir pela verdade” (REVEL, 1991, p. 35).

Em razão dessa compreensão, a grande questão de Revel no seu texto é o papel da *ciência autônoma* nas sociedades democráticas. Segundo ele, se a ciência não for autônoma em relação ao Estado ela fará o mesmo papel da religião em sociedades em que não existia a separação entre a religião e o governo, o papel de justificar, por algum recurso inscrito em sua própria lógica argumentativa, o poder do mandatário.

Neste sentido, para Revel o único compromisso do intelectual é com a ciência autônoma em relação ao governo e em relação a qualquer “fábula política” (REVEL, 1991, p. 43) com afã totalitário. O intelectual está comprometido com a democracia aqui-e-agora e, sabe que a democracia pode melhorar sempre, mas tal melhora está condicionada ao compromisso com a verdade dos fatos e com a “busca da verdade até o fim” (REVEL, 1991, p. 42).

Para Revel, a busca da verdade até o fim significa o compromisso com a busca da verdade mesmo se ela contraria o nosso pensamento sobre os fatos e nos convida a uma conversão/ruptura cognitiva:

Pois existem circunstâncias frequentes na vida das sociedades, assim como na dos indivíduos, em que se evita considerar uma verdade que se conhece muito bem, porque, caso as consequências fossem avaliadas, perceber-se-ia que a ação seria contra o seu próprio interesse (REVEL, 1991, p. 10).

Não estar disposto a mudar de ponto de vista, ao perseguir a verdade dos fatos, consiste em recusa da busca da verdade até o fim. Esta recusa fica patente quando se observa que, na ciência, “a mentira não é somente um ardil intermitente, mas a afirmação permanente do contrário do que todo mundo pode constatar” (REVEL, 1991, p. 34). Motivo pelo qual:

A mentira científica é, portanto, tão mais marginal quanto mais verdadeira é a ciência, tornando-se tanto mais inoportuna e atraente quanto mais conjectural é a ciência e tanto mais tentadora quanto se presta mais a ser explorada como fonte de argumentação no debate político (REVEL, 1991, p. 30).

Conforme Revel o cientista/intelectual autônomo não escolhe “temas ditados [...] pela [...] paixão e pela propaganda [política]” (REVEL, 1991, p. 30), antes acredita na “importância da informação [verdadeira] para esclarecer a ação ou até mesmo a convicção” (REVEL, 1991, p. 10).

A recusa da verdade e a teimosia da fábula política, segundo Revel, explicam “a escassez de informações exatas nas sociedades livres [...]” (REVEL, 1991, p. 10), isso ocorre em razão do “desejo de ver a realidade se conformar aos nossos preconceitos e preguiça do espírito” (REVEL, 1991, p. 12). Quando não se está aberto à realidade dos fatos, quando não se submete à verdade “nua e crua”: “Um grande sábio pode forjar suas opiniões políticas e morais de maneira tão arbitrária e sob a influência de considerações tão insensatas quanto os homens que não possuem qualquer experiência de raciocínio científico” (REVEL, 1991, p. 13). Neste caso, a ciência e a verdade tornam-se *conhecimento inútil*, o título que Revel deu ao seu livro.

O conhecimento inútil da ciência e da intervenção intelectual ocorre pela prática de “se esquivar diante de uma evidência, quando essa contraria suas [do intelectual/cientista] crenças, preferências ou simpatias” (REVEL, 1991, p. 13); o que leva à “incoerência e [à] [...] desonestidade intelectuais [...]” (REVEL, 1991, p. 13).

A autônoma científica/intelectual leva o cientista/intelectual a “Comportar-se cientificamente, [...] [a] reunir racionalidade e honestidade” (REVEL, 1991, p. 14) em sua prática científica. Segundo Revel, a racionalidade é possível e demonstrada nos avanços tecnológicos engendrados pelas conquistas do conhecimento científico. Portanto, é fundamental perseguir o racional, uma vez que “não construiremos avião capaz de voar se não observarmos as normas do pensamento racional” (REVEL, 1991, p. 19).

Quando renunciamos à racionalidade, “persistimos em dela nos afastar sempre que esperamos fazê-lo impunemente” (REVEL, 1991, p. 20). Todavia, esse comportamento tem o seu preço e “as consequências nefastas dessa preferência causam danos inelutáveis, cedo ou tarde” (REVEL, 1991, p. 22). Pelo que Revel afirma que: “Hoje, assim como antigamente, o inimigo do homem está no fundo dele próprio. Mas, não é mais o mesmo: antes, era a ignorância, hoje é a mentira” (REVEL, 1991, p. 24).

Finalmente, a mentira, quando está relacionada de modo uniforme na ciência, no mundo intelectual e na política, consiste, segundo Revel, em um “conjunto de comportamentos de resistência à informação [verdadeira] [...]” (REVEL, 1991, p. 25). Esse tipo de comportamento torna a ciência e a verdade em *conhecimento inútil*, e revela que “a mentira no seu estado bruto e natural, [...] é praticada [...] com a total consciência de estar enganando” (REVEL, 1991, p. 25-26).

Em termos finais, Revel postula que, ao passo que nas ciências exatas a mentira tem pernas curtas, nas ciências humanas a mentira tem longa existência e somente consegue ser desmascarada em certas *correntes teóricas mais exigentes* com relação à argumentação e ao compromisso com os fatos:

Nenhuma mentira conseguiria se impor, durante muito tempo nas ciências exatas. De tempos em tempos, ocorrem trapaças. Elas podem enganar, por algum tempo, a comunidade científica, mas no fim das contas [...] [,] seus autores sabem, no fundo de si mesmos, que elas serão descobertas em um curto espaço de tempo e que pagarão sua glória efêmera com a desonra definitiva. [...] Por outro lado, nas ciências sociais, humanas, econômicas e históricas, regidas por um sistema de prova, por sua natureza menos rigoroso, consegue-se enganar a opinião pública a até mesmo a opinião científica [...] (REVEL, 1991, p. 26-27).

Revel aponta que o estilo de abordagem que se pode chamar de mentirosa – nas ciências sociais, humanas, econômicas e histórica – consiste em “teorias muito vagas para que possa verificá-las ou refutá-las” (REVEL, 1991, p. 30). Ainda, Revel enxerga a postura que mente deliberadamente sobre os fatos como “a exploração da autoridade científica para fins de propaganda” (REVEL, 1991, p. 31), o que revela que o intelectual reconhece que “a mentira faz parte integrante da política” (REVEL, 1991, p. 31) e, neste caso, realiza a submissão da ciência à política. Mais uma vez, Revel compreende que tal submissão da ciência à política torna a ciência um *conhecimento inútil*.

Percebemos que o livro de Revel é importante para o presente debate sobre o papel da verdade nas democracias, ele contribui para demonstrar como a mentira termina por corroer o capital social da *confiança*, fundamental na vida democrática moderna.

Ainda, o texto de Revel também é relevante ao apontar que aquela condição social que em nossos dias é denominada como “pós-verdade” emergiu nas sociedades totalitárias ou democráticas com o surgimento *massificação do público*. Para Revel a mídia é mentirosa *per se*, cabendo aos intelectuais e aos cientistas a tarefa de fiscalizar a mídia e desmascará-la quando necessário, outorgando à sociedade civil o conhecimento verdadeiro, sofisticado e fundamentado por meio de uma educação permanente dos cidadãos e da cidade. Deste modo, o conhecimento científico – das ciências humanas, históricas, econômicas e sociais – realizarão, de fato, aquilo pelo qual existem: a produção conhecimento fatural, verdadeiro sobre a vida social. Um tal conhecimento é, sem dúvidas, um *conhecimento útil* à sociedade e à vida social.

Harry G. Frankfurt e o falar merda ou “da conversa fiada”

O filósofo norte-americano Harry G. Frankfurt, professor emérito de filosofia moral na Universidade de Princeton, faz a sua imersão no estudo da mentira por via de um artigo escrito em 1986 cujo título é “*On bullshit*”, no qual ele – por meio de uma análise do livro de “*The Prevalence of humbug*” (1983) do filósofo analítico britânico Max Black – faz uma brevíssima incursão no mundo da “conversa fiada” na ciência, nas relações humanas e, sobretudo, no cotidiano. O artigo foi publicado como livreto em 2005 pela Princeton University Press.

Antes de tudo é preciso ter em mente, e Frankfurt não faz essa observação, que Max Black, como filósofo analítico, teceu em “*The Prevalence of humbug*” (1983) – e no seu primeiro livro publicado “*Vagueness: An exercise in logical analysis*” (1937) – um estudo sobre as *trapaças e imposturas* acadêmicas realizadas por meio de uma linguagem vaga, ambígua e obscura. O próprio Frankfurt (2005) aborda assinala no seu texto que (a) tanto o escrever ou falar de modo obscuro (b) quanto o escrever e falar de modo relapso consistem em formas de “conversa fiada”, tratam-se de “imposturas” acadêmicas (cf. p. 12-17). Escrever de modo vago ou de modo obscuro é uma prática de “charlatanice” (FRANKFURT, 2005, p. 13).

Pelo que Frankfurt define: “Impostura: embuste enganador próximo da mentira, em especial por meio de palavra ou ato pretensioso, em relação aos próprios pensamentos, sentimentos ou atitudes” (FRANKFURT, 2005, p. 13).

O primeiro tipo de impostura não está no desleixo com as palavras e sim na *pretensão* de ser profundo pelo uso intencional de argumentação obscura, estilo verboso de escrita, e

criação de um vocabulário hermético que somente faz sentido na própria obra, quando se poderia fazer uso de conceitos mais conhecidos no campo científico ou intelectual em que o autor trabalha.

Frankfurt não está criticando autores que constroem conceitos de forma original e cientificamente significativa, mas aqueles autores que mitificam a sua própria escrita, preferindo se utilizar de conceitos obscuros e vagos, em detrimento de conceitos explicativos mais claros que já existem em seu campo de atuação e que esclarecem melhor os fenômenos retratados.

O problema aqui não é criação de uma linguagem conceitual e sim a elaboração de um vocabulário que somente faz sentido dentro da obra do pensador “profundo” que escreve com ambiguidade para poder ser interpretado de maneiras diversas. Na verdade, pode-se afirmar com Frankfurt que o sonho dos autores que mitificam a sua escrita é tornarem-se objeto de disputas exegéticas sobre qual seria a interpretação correta de sua obra.

Frankfurt concebe como *charlatões* os “pensadores profundos” que mitificam a sua obra por meio de uma linguagem obscura e hermética em que praticam algo como o ditado de Humpty Dumpty de que *as palavras significam o que eu quero que elas signifiquem*. Revel (1991) disse o mesmo e, para além da impostura da linguagem desleixada e sem conteúdo, ressalta o uso dos “*slogans* simplistas” (REVEL, 1991, p. 32) comumente “utilizados para instruir ou enganar os outros” (REVEL, 1991, p. 24). Tais estilos de imposturas são denominados por Frankfurt (2005) como “*bullshit*”, que podemos traduzir como falar merda ou “conversa fiada”.

Esses tipos de embustes languageiros revelam uma atitude “deliberada” (FRANKFURT, 2005, p. 14) e uma “intenção de enganar” (FRANKFURT, 2005, p. 14-15). Quem mente pelo uso da linguagem relapsa revela “um tipo de relaxamento que resiste ou engana as exigências de uma disciplina desinteressada e austera [da linguagem lógica e clara]” (FRANKFURT, 2005, p. 29).

Para Frankfurt (2005) é preciso saber distinguir entre ciência e a “conversa fiada” (FRANKFURT, 2005, p. 39; Cf. p. 40-43). O cientista/intelectual não deve se permitir o uso da “lorota” (p. 45) ou do “papo-furado” (p. 45) no seu discurso científico/intelectual: “Deve-se notar que a inclusão da insinceridade entre suas condições essenciais implica que a conversa fiada não pode se originar inadvertidamente; visto que não parece possível ser inadvertidamente insincero” (FRANKFURT, 2005, p. 44). Isto é, a *charlatanice* é intencional.

Esta conclusão de Frankfurt (2005) diz respeito a um axioma fundamental do estudo da mentira e que já explicitamos aqui: a mentira é uma *falsidade intencional*. Para mentir deve-se enganar aos outros sobre o que se acredita no íntimo, mas que é *dissimulado* pela via da *simulação* da verdade, realizada por meio do enunciado que se lança como ardil para o par epistêmico que se tornará vítima do embuste.

Estudos sociológicos da mentira

Ignacio Gómez de Liaño e a mitificação deliberada

Ignacio Gómez de Liaño é professor emérito da Universidade Complutense de Madrid e o seu livro pretende ser uma abordagem *sociológica* do uso das imagens como *mitificação deliberada*, realizada no universo midiático para influenciar as condutas dos indivíduos. Quando Liaño (1989) afirma que muitas notícias intencionalmente falsas, são produzidas pela mídia, *para divertir* as pessoas *desinformando-as*, tem-se a confirmação das teses de Hans Vaihinger (1968 [1911]) e Wolfgang Iser (1983) sobre a dimensão *ficção* da vida cotidiana, algo que também é apontado por Baudrillard (1981). Apenas Baudrillard é citado por Gómez de Liaño (1989) que aponta a dimensão *mediática* da consciência social e o poder da imagem sobre o simulacro da “opinião pública”.

Conforme Liaño (1989) o lugar que as imagens, como *mito* e *ficções*, ocupam na vida social contribui para o crescimento da mentira deliberada como modo de influenciar comportamentos. As imagens são utilizadas como meio sub-reptício de persuasão – algo como a “nova técnica de convencer” apontada por Vance Packard (1959; 1965) que faz uso de *persuasão subliminar*⁴, embora Packard não tenha sido citado por Liaño (1989) –, como mecanismos sociológicos para *condicionar* os comportamentos a longo prazo, bem como a vontade e a ação do indivíduo.

O livro de Liaño (1989) é uma conversa com Debord (1997 [1967]) e Baudrillard (1981) e uma antecipação da Vargas Llosa (2013), livros que abordam a sociedade como fundada no simulacro, na ficção e no espetáculo. Liaño (1989) traça uma linha que vai de “*A república*” (IV a.C.) de Platão à contemporânea “cidade publicitária” ou “sociedade da propaganda”; investigando e perscrutando o poder que as imagens, como *mito* e *ficções*, desempenham na

⁴ Sobre a qual é *mentira* que possa nos *forçar* a realizar algo que não queremos, mas que tem o poder real e efetivo de *condicionar o nosso modo de ver e interpretar os eventos sociais*.

vida social, além do uso estatal, totalitário ou democrático das imagens como o grande veículo da mentira.

Para Liaño, qualquer reconstrução das formas de cultura contemporânea, incluindo valores, normas e ideologias, precisa passar pela análise do poder das imagens na construção do *imaginário social* e das subjetividades impactadas pelo poder dessa *fábrica de mentiras* que é a mídia.

O efeito cognitivo do texto original de 1989 – uma versão atualizada desta obra foi publicada em 2016 – é que ali a mídia aparece com a sua verdadeira cara: a da *fábrica de mentiras* interessada em acumular poder político e econômico, dirigir a opinião pública conforme os seus interesses (dos acionistas) e produzir o imaginário social e as subjetividades.

Se em nossos dias a mídia *standard* se apresenta sob a “máscara” da mídia “bem-intencionada e confiável” que se preocupa com as “notícias verdadeiras” e que jamais produziria *fake news*, para Liaño (1989) a mídia é inescapavelmente *mentirosa*, mitificadora e *construtora de imagens falsas* sobre a realidade social. Algo que Champagne (1996) e Charaudeau (2013) confirmam, pois, também para eles, a mídia é *mentirosa*, esse é o seu *modo de ser*, algo que foi apontado por Tarde em 1890 (1983[1890]) e em 1901 (2005 [1901]).

Devemos, contudo, compreender a *ficcionalidade* da vida cotidiana é *positiva e negativa*. Positiva, pelo fato de que essa ficcionalidade compõe o *ilusório* senso de “ordem e sentido” para a existência da vida e do mundo; tal ficcionalidade que Freud (2010 [1927]) chamou de “ilusão” e deve ser capitada como uma *ficcionalidade* essencial à vida coletiva.

O que Hans Vaihinger (1968 [1911]), Wolfgang Iser (1983), Jean Baudrillard (1981) e Emar Maier (2018) apontam como dimensão *positiva* da ficcionalidade cotidiana é a *metafísica leiga* sobre o sentido da vida, a “ordem” panglossiana presente *ficticiamente* no mundo, a ilusão cultivada, porque faz bem à saúde (HILLMAN, 1983), de que *tudo faz sentido*.

Liaño (1989), Debord (1997 [1967]) e Baudrillard (1981) concentraram-se nos aspectos *negativos* de tal ficcionalidade que, no seu aspecto mentiroso, torna-se alienante e termina por idiotizar as massas.

Ao contrário disso, a *ficcionalidade positiva* é um organizador social, no sentido da *metafísica leiga* que a sustenta, uma *metafísica de senso comum* que dota a mundo humano e tudo à sua volta de sentido, permitindo-se, inclusive, a *confiar* nos outros, a supor acertadamente que todos ganham com a cooperação, que é bom e justo confiar nas pessoas. Peyrefitte (1999), por exemplo, entende que a confiança é um fenômeno, em primeiro lugar, *fictício*, depois, *factício* e, finalmente, um capital social intangível, mas concreto; visto que é

por meio dela que a sociedade se organiza, mesmo tomando precauções antecipadas para punir o *abuso da confiança*.

Em seus aspectos negativos, a ficcionalidade das imagens aponta para a “sociedade do espetáculo” de Debord (1997 [1967]) que é citado por Liaño (1989). Para Debord (1997 [1967]) – e Gómez de Liaño (1989) subscreve a tese – há um *império* da mentira no mundo social.

Mas Liaño (1989) erra ao ceder à ideia de que a mentira é o organizador social, uma vez que o que é falso e mentiroso se apresenta como sendo verdade e dissimula a mentira. Uma coisa é constatar que a mentira é imensamente praticada na vida social, inclusive pelas instituições que alegam defender a verdade como a mídia e a imprensa. Outra coisa é afirmar que a mentira é o motor da vida social, isso somente seria factual se a mentira – e não a verdade e a confiança – fosse a “moeda” fundamental *valorizada* nas trocas sociais. Lembremo-nos de Novalis quando afirma que “A distinção entre ilusão e verdade está na diferença de suas funções vitais. A ilusão vive da verdade, a verdade tem sua vida em si mesma” (NOVALIS, 1988 [1798], p. 39).

Assim, a mentira é praticada sorrateiramente, quem a pratica não diz que está mentindo, não defende a mentira como *valor*, mentira é em anti-valor e um *desvalor*. Quem pretende fazer uso dela aproveita-se do fato de que a verdade e a confiança são organizadores sociais e apresentam a sua mentira/falsidade *como se fossem* a verdade, pois somente a verdade e confiança possibilitam o enganar ao outro. A mentira é um *abuso da confiança* e uma *traição* da verdade.

O estudo de Liaño (1989) é muito importante por dois elementos fundamentais: (a) por apontar a dimensão *ficcional* da vida social – ele enfatiza apenas o aspecto *negativo* dessa ficcionalidade da vida cotidiana – e (b) por nos informar a sua importantíssima percepção de que *uma imagem mente mais que mil palavras*, enunciado que se pode estabelecer como síntese das lições o que o seu livro nos ensina.

A lição deixada por Liaño (1989) é que mentir por imagens é fácil; e, ainda mais, quando se pode fazer uso de uma imagem como argumento e prova e junto com ela enunciados linguísticos que podem induzir interpretações mentirosas em intenção sobre o fato mostrado pela imagem.

Uma sociologia da mentira imagética é possível e se mostra muito importante em uma análise da mentira. Essa foi a contribuição de Liaño (1989) para o estudo das mentiras sociais.

John A. Barnes e a criação da sociologia da mentira

Antropólogo australiano John A. Barnes (1994) é o pai da sociologia da mentira, do nome não da coisa. No seu livro “*Um monte de mentiras: para uma sociologia da mentira*” (1994), Barnes faz um sobrevoo relevante, embora mais *programático e panorâmico*, sobre a trama incrustado da mentira no mundo social. Ele está preocupado, sobretudo, em *inaugurar* questões de análise e encaminhar pesquisas futuras para o *novo campo* (que ele propõe) da *sociologia da mentira*, algo que ele fez muito bem.

O seu texto/*programa* é resultado de sua experiência e importante produção como antropólogo estudioso das *estratégias* do parentesco, o que inclui a descoberta de mentiras (Cf. BARNES, 1980).

Barnes (1994) tece uma *brevíssima* “história da abordagem da mentira” nas ciências sociais. Não existe nenhum título ou subtítulo que revele que Barnes tenha interesse em realizar isso que chamei de *brevíssima* “história da abordagem da mentira”; tão somente é possível observar que, neste livro, Barnes mobiliza textos antigos para informar a antiguidade da preocupação teórica com a mentira nos autores clássicos da cultura ocidental e nos teóricos precursores das ciências sociais como Locke, Hobbes e Maquiavel, por exemplo.

Barnes aponta, como exemplo, o fato de que Locke tinha aversão à retórica, à qual considerava como um dos maiores males oriundos da cultura democrática grega: “É evidente o quanto muitos homens gostam de enganar e de ser enganados, de vez que a retórica, esse poderoso instrumento de erro e falsidade, tem seus professores titulares, é ensinada publicamente, e sempre foi levada em grande consideração [...]” (LOCKE, 1894, p. 146 *apud* BARNES, 1994, p. 18).

De início, Barnes (1994) deplora o fato de que – afora o trabalho dos pensadores sociais precursores – “os sociólogos [...] lamentavelmente têm feito poucos trabalhos sobre a mentira” (p. 22). Ele também aponta problemas em títulos de livros sobre a mentira – algo notório a qualquer que se aventure no estudo da mentira – que “anunciam” que farão algo e que, contudo, não o fazem, como “a pesquisa acadêmica [...] sobre a mentira editada por Lipman e Plaut (1927), [que] [...] contém pouquíssima análise sociológica – a despeito da afirmação no subtítulo de que o livro inclui um relato sobre mentiras do ponto de vista sociológico” (BARNES, 1994, p. 22). Pelo que Barnes (1994) conclui que existe na sociologia uma “relativa negligência com relação à mentira” (p. 23; Cf. p. 260).

Em relação a isso, Barnes (1994) conclui: “Lamento a escassez das descobertas empíricas, entretanto, estou satisfeito por ser poupado do árduo trabalho de citar definições e análises [sociológicas] sobre a mentira [...]” (p. 23).

Essa escusa de Barnes tanto aponta para o fato de que, neste trabalho de criação da disciplina, este antropólogo, versado na pesquisa empírica que é a etnografia, não pretende – neste seu estudo introdutório e panorâmico da mentira de um ponto de vista sociológico – fundamentar-se em material empírico coletado em primeira mão; antes ele mobiliza dados oriundos de estudos de outros pesquisadores para criar o que ele chama de “estado atual” dos estudos da mentira sob o ponto de vista da sociologia.

Ao criar este novo campo de pesquisa sociológica, Barnes lança um desafio programático a partir de um apanhado histórico do que já foi escrito sobre o tema na longa tradição do pensamento social ocidental. O trabalho de Barnes é erudito e teórico.

Como se propõe a realizar uma introdução a um novo campo de estudos a partir de uma visão panorâmica, Barnes (1994) afirma: “Mencionarei alguns aspectos da mentira apenas de passagem, em parte em razão da falta de dados empíricos e, em parte, em virtude das limitações de minhas opiniões [...]” (BARNES, 1994, p. 29). Isso, pelo fato de que, como explica Barnes (1994), ele estar interessado em realizar “uma introdução a um campo de pesquisa que, do meu ponto de vista, tem sido estranhamente negligenciado. [Então] se não realizar mais nada, este livro deverá apontar determinadas áreas onde as pesquisas [empíricas] são necessárias [...]” (p. 30).

Barnes aponta para a “ubiquidade da mentira” (BARNES, 1994, p. 25) nos cenários sociais, todavia não deixa de reconhecer que a *confiança* e a *veracidade* são os organizadores sociais fundamentais da vida social. Isto é, que nos domínios sociais existem, ainda que em graus diferentes em cada submundo social, “expectativas de veracidade” (p. 45) por meios das quais uma ação de engano premeditado se torna possível. Pelo que uma observação se torna pertinente: “Deparamos com a mentira praticamente em todos os caminhos da vida, paralelamente a uma igualmente ubíqua, tanto moral quanto pragmática por dizer a verdade” (BARNES, 1994, p. 48).

Contudo, Barnes (1994) adverte que não devemos supor erroneamente que a mentira é o organizador social fundamental das sociedades, isso seria um grande equívoco. Pelo que ele observa que “em uma situação em que a maioria dos participantes são honestos, alguns indivíduos podem ser tornar charlatães. A hipótese da boa-fé, gerada pelas ações da maioria, assegura o sucesso da mentira praticada pela minoria” (p. 53). Eis o fato: as *moedas falsas*, que

são lançadas de tempos em tempos no comércio, são mobilizadas *como se fossem as moedas verdadeiras* cuja existência e valor ocasionam o uso de moedas falsas que *se passam por verdadeiras*. Sem o valor real e a relevância organizativa das moedas verdadeiras para a economia, as moedas falsas jamais seriam postas para uso, pois o falso é como a lua, não tem luz própria, precisa da luz do verdadeiro para brilhar.

A confiança é o cimento da sociedade, isso ocorre em razão das relações de confiança que precisamos estabelecer para que a nossa vida social seja bem-sucedida. As nossas relações mais profundas e íntimas fundamentam-se em uma “expectativa partilhada de confiança” (BARNES, 1994, p. 49), pelo que “o engano como norma [da sociedade] não pode se sustentar por si mesmo” (BARNES, 1994, p. 50). Assim, a perspectiva da mentira como organizador social não é realista, trata-se um equívoco. É uma condição fundamental da chamada *segurança ontológica* que “as pessoas [...] precisam [...] ter confiança em alguém e ser alvo de confiança” (BARNES, 1994, p. 50).

Barnes (1994) afirma que “embora as culturas difiram no modo como a mentira é avaliada, a prática da mentira ocorre na maioria das sociedades, ou mesmo em todas elas” (p. 118). Pelo que Barnes postula a importância crescente que a mentira/o engano premeditado vem recebendo na literatura científica desde o início dos anos 1990:

O interesse científico a respeito deste assunto tem aumentado nas últimas duas ou três décadas, e afetou as percepções atuais de vários fenômenos, inclusive o engano premeditado. Por exemplo, no encontro anual da Sociedade Americana para o Progresso da Ciência em 1991, fizemos um simpósio com o nome: “A evolução do embuste: uma abordagem biocultural” (p. 230).

Barnes prossegue indicando que existem “provas [que] deveriam ser suficientes para estabelecer a onipresença da mentira como uma atividade humana, bem como sua diversidade e antiguidade” (p. 230). Pelo que ele afirma que o estudo da mentira é “um tópico importante, porém negligenciado” (p. 260; Cf. p. 23) e que, em um estudo sobre a mentira: “Necessitamos da ajuda de uma pluralidade de fontes de informação [inclusive] [,] para comparar fatos e opiniões [...]” (p. 259).

Após apresentar uma série de textos históricos que abordam temas relacionados à mentira, seja nas ciências humanas ou nas ciências sociais, Barnes termina com uma nota ao mesmo tempo programática e normativa.

Do lado *programático*, ele afirma que é necessário realizar pesquisas “mais aprofundadas” e, em síntese, continuar o que ele iniciou, a *sociologia da mentira*, a partir de pesquisas empíricas e/ou teóricas. Do lado *normativo*, Barnes pensa em uma eventual *utilidade*

pública – para além da científica – da sociologia da mentira: “Pesquisas mais aprofundadas deveriam melhorar o nosso entendimento sobre o fenômeno da mentira e poderiam nos levar a recomendações [...] para as políticas públicas e a conduta pessoal” (BARNES, 1994, p. 259). Ainda no plano *normativo*, ele afirma que tais “Pesquisas [...] deveriam [...] estar direcionadas para a investigação das consequências sociais da variação no grau de mentira e de outros modos de logro na comunidade [social estudada]” (BARNES, 1994, p. 260).

O fato é que Barnes oferece uma relevante contribuição às ciências sociais ao inaugurar *um programa* de pesquisa sobre os diversos tipos de mentiras – tanto egoístas e danosas quanto altruístas e benéficas – no tecido social. Ele reconheceu que muitos intelectuais e pensadores já haviam realizados estudos sobre a mentira antes dele, mas tomou para si a tarefa de formular o *programa de pesquisa* científico social sobre a mentira.

Vemos que a iniciativa de Barnes foi bem-sucedida e que ele se tornou uma fonte fundamental para o estudo sociológico da mentira.

Apontamentos finais

Sem sombra de dúvidas, muitos outros autores e obras poderiam ser analisados aqui, mas as obras citadas são representativas. Contudo, não são várias as obras que analisam a mentira *do ponto de vista social ou sociológico*, como estas informadas aqui. O mercado editorial está repleto de obras que estudam a mentira de um ponto de vista moral ou ético, de um ponto de vista psicológico e, até mesmo, do ponto de vista biológico como as obras de neurociência e de psicologia evolutiva da mentira. Todas essas obras tendem a fazer *tabula rasa* do impacto do social e do cultural nas mentiras.

As obras aqui mencionadas contribuíram para uma análise não reducionista da mentira, visto que focalizam as mentiras a partir da perspectiva psicossocial e sociocultural. Além disso, todas as obras citadas – exceto a de Barnes que também analisa as mentiras altruístas e benéficas – analisam as mentiras egoístas e danosas.

A sociologia da mentira está ciente da existência das *mentiras altruístas e benéficas*. Um levantamento das obras que estudam a mentira a partir desta perspectiva também é importante. Esse é um trabalho a ser feito por alguém e seria uma relevante contribuição à sociologia da mentira.

O fundador da sociologia da mentira – John A. Barnes – termina o seu livro pensando que a sociologia da mentira pode ofertar uma importante contribuição à felicidade societal e à felicidade pessoal dos indivíduos. Segundo ele pensou, conhecer as mentiras nos torna mais

sábios ao escolher tanto os motivos e caminhos de nossa sociedade, quanto os nossos próprios. A despeito dessas possibilidades, o estudo sociológico da mentira é um campo vasto em que pesquisa empíricas e teóricas futuras serão bem-vindas, visto que nos tornarão mais conhecedores de como a inteligência e a criatividade dos atores sociais são por eles mobilizadas para fazer valer os seus interesses nos espaços sociais em que tecem a sua existência. Tais inteligência e criatividade são usadas tanto para fazer o bem, quanto para realizar o mal; essa é a verdade demonstrada pelas abordagens psicossociais e socioculturais da mentira.

REFERÊNCIAS

BARNES, J. A. Kinship studies: some impressions on the current state of play. **Man**, [S. l.], v. 15, n. 02, p. 293-303, 1980.

BARNES, J. A. **Un montón de mentiras**. Hacia una sociología de la mentira. Barcelona: Editorial Paidós, 1994.

BASTARDI, A.; UHLMANN, E. L.; ROSS, L. Wishful thinking: belief, desire, and the motivated evaluation of scientific evidence. **Psychological Science**, [S. l.], v. 22, n. 06, p. 731-732, 2011.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1981.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, p. 39-63, 2002.

CHAMPAGNE, P. **Forma a opinião pública**. O novo jogo político. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1996.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997 [1967].

DERRIDA, J. História da mentira: prolegômenos. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 10, n. 27, p. 7-39, 1996.

FESTINGER, L. **Teoria da dissonância cognitiva**. Rio de Janeiro: Editora Zahar Editores, 1975 [1957].

FRANKFURT, H. G. **On bullshit**. Princeton: Princeton University Press, 2005.

GERGEN, K. J. **A psicologia do intercâmbio do comportamento**. São Paulo: Ed. Edgard Blucher, 1969.

HILLMAN, J. **Healing fiction**: On Freud, Jung, Adler. Michigan: Station Hill Press/Michigan, 1983.

ISER, W. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. *In*: COSTA LIMA, L. (org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1983. v. II, p. 384-416.

LE BON, G. **As opiniões e as crenças**. Rio de Janeiro: Editora Tama, 2002 [1911].

LE BON, G. **Psicologia das multidões**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008 [1895].

LIANO, I. G. **La mentira social**: imagenes, mitos y conducta. Madrid: Editorial Tecnos, 1989.

MAIER, E. Lying and Fiction. *In*: MEIBAUER, J. **The Oxford handbook of lying**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 303-314.

NOVALIS [Georg Friedrich Philipp von Hardenberg]. **Pólen**. Fragmentos, diálogos, monólogo. São Paulo: Iluminuras, 1988 [1798].

PACKARD, V. **Nova técnica de convencer**. 5. ed. São Paulo: Editora Ibrasa, 1959.

PACKARD, V. **Estratégia do desperdício**. São Paulo: Editora Ibrasa, 1965.

PEYREFITTE, A. **A Sociedade de confiança**. Ensaio sobre a origem e a natureza do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 1999.

RAUTHMANN, J. F. The Dark Triad and interpersonal perception: Similarities and differences in the social consequences of narcissism, machiavellianism, and psychopathy. **Social Psychological and Personality Science**, [*S. l.*], v. 03, p. 487-496, 2012.

REVEL, J.-F. **O conhecimento inútil**. A comunicação é o contrário da informação? Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1991.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa III**. Campinas, SP: Editora Papyrus, 1997.

SABOURIN, E. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [*S. l.*], v. 23, n. 66, p. 131-138, fevereiro 2008.

SELVA, J. M. M. **La psicología de la mentira**. Madrid: Editorial Paidós, 2005.

SELVA, J. M. M. **La gran mentira**: En la mente de los fabuladores más famosos de la modernidade. Madrid: Ediciones Paidós, 2009.

SYDOW, S. T. **A teoria da cegueira deliberada**. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016.

TARDE, G. **As leis da imitação**. Porto: Rês-Editora, 1983[1890].

TARDE, G. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1901].

TCHAKHOTINE, S. **A mistificação das massas pela propaganda política**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967 [1938]

VAIHINGER, H. **The philosophy of “As if”**: A System of the theoretical, practical and religious fictions of mankind. Fakenham: Cox & Wyman, Ltd., 1968 [1911].

VARGAS LLOSA, M. **A civilização do espetáculo**. Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2013.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC/MG.

Financiamento: Não se aplica.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Não se aplica.

Disponibilidade de dados e material: Não se aplica.

Contribuições dos autores: Jair Araújo de Lima, João Leite F. Neto e Juliane Ramalho dos Santos contribuíram igualmente com a pesquisa e a escrita do artigo.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

